

A PAULISTA EM QUADRINHOS: POR OUTRA HISTÓRIA DA AVENIDA

Marília Santana Borges

Grupo ESPACC (Espaço-Visualidade/Comunicação-Cultura)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil

RESUMO

Em 1990, o quadrinista Luiz Gê recebeu um convite da *Revista Goodyear* para produzir uma matéria sobre a Avenida Paulista. Contada sob a forma de histórias em quadrinhos, a revista foi um grande sucesso e, em 2012, a editora Companhia das Letras republicou o projeto em um livro. O interessante é que tal narrativa gráfica, apesar de fazer o resgate da criação e afirmação da Avenida, desde a sua fundação na virada do século XIX para o XX, não conta a sua história de uma forma linear, cronológica e meramente informativa, ratificando um discurso oficial, mas a constrói como uma fábula, superpondo tempos, mesclando memórias, empregando alegorias, trabalhando elementos gráficos da linguagem, apontando caminhos, o que enriquece a sua montagem e a experiência cognitiva do leitor. Apresentar como o quadrinista recria a história da Paulista, a potência comunicativa de tal novela gráfica e de que modo sua abordagem pode ressignificar o olhar contemporâneo e a própria vivência da avenida é o intuito desta comunicação, valendo-se, para isso, do diálogo com alguns conceitos e autores, tais como o materialismo histórico e imagem dialética de Walter Benjamin, a arqueologia de Giorgio Agamben e o conceito de meio comunicativo de Lucrécia Ferrara.

PALAVRAS-CHAVE: Avenida Paulista; Histórias em Quadrinhos; Luiz Gê.

Em 1990, o quadrinista Luiz Gê recebeu um convite da *Revista Goodyear* para criar uma matéria em quadrinhos sobre a Avenida Paulista. A ideia da publicação era celebrar o centenário da famosa avenida, propondo uma abordagem inventiva e que fugisse do lugar-comum:

um texto jornalístico sobre esse assunto tinha boas chances de cair no velho chavão dos barões do café, dos prédios de vidro, mansões remanescentes. Ao convidar um artista gráfico e quadrinista, buscavam algo mais original. Eles não impuseram nenhuma regra e, num primeiro momento, pensei em outras soluções que seriam mais experimentais e até menos ligadas aos quadrinhos. Mas achei que a história merecia o detalhamento que essa linguagem comporta: um registro visual de nossas vidas, histórias, questões (GÊ, 2012, p.8).

Arquiteto e urbanista de formação, Luiz Gê sempre teve proximidade com questões sobre o urbano e em sua produção de quadrinhos, usufruindo de uma maior liberdade temática, o autor investiu em retratar o universo em que vivia: a realidade urbana e o cotidiano das grandes cidades, mais especificamente da cidade de São Paulo. Em trabalhos como *Menegheti* (1976), *Quem matou papai Noel* (1977) ou nas tiras que produziu para o *Jornal da República*, por exemplo, era possível o leitor não apenas reconhecer recantos da “Paulicéia Desvairada”, mas percebê-la como um personagem decisivo dentro da narrativa. Como relata o próprio autor, “comecei a retratar a realidade urbana, no caso São Paulo, não apenas como cenário de fundo, mas quase sempre como outro ‘personagem’ vivo e atuante dentro do roteiro. São Paulo havia sido pouco retratada graficamente e nunca havia sido representada assim, de forma sistemática” (GÊ, 2012, p.7). E talvez o ápice desse processo criativo experienciado por Luiz Gê tenha se dado na biografia da mais famosa avenida de São Paulo.

Tendo como fio condutor da narrativa a história factual da Paulista em seus diversos momentos, pesquisada pelo quadrinista em jornais, revistas, livros, arquivos e institutos, Luiz Gê não se ateve ao discurso oficial e ousou fabular sobre a sua tão conhecida história, interessado que estava em despertar no leitor um olhar para além dos fatos e da própria visualidade da avenida, mas também nostalgicamente tocado por suas memórias e vivências, como pulsa no texto introdutório do livro:

a minha lembrança mais antiga da Paulista é a de estar de pé no banco de um carro que transita em direção à praça Osvaldo Cruz, pouco depois de ter passado a avenida Brigadeiro. [...] A Paulista sempre foi marcante. Lembro-me desse dia, belo e de céu azul, da avenida, dos trilhos do bonde, do movimento dos carros – não muitos – indo e vindo, das árvores de grossos troncos encorpados e de tom claro, e do vulto das mansões que passavam atrás dela. [...] Anos depois, já com uns doze anos, a Paulista virou meu caminho diário para a escola. [...] O final dessa fase coincidiu com o final do esplendor da Paulista, a do alargamento que começou no término dos anos 60. O trajeto ficou um saco, muito mais congestionado porque parte da pista estava sempre interrompida, em obras. Os casarões perderam o seu maior charme, que eram os grandes jardins fronteiriços. Com eles foram-se as belíssimas árvores dos jardins e calçadas. Esse enfeamento foi chocante. Os bondes elétricos foram aposentados para não atrapalhar o trânsito. Mais tarde, Olavo Setubal arrasou a pracinha do índio jogando-o para um canto onde ele, já sem lança, passou a ficar por ali mesmo, jogando dadinho ou, talvez, todo o lixo que transborda de um tanque seco, feio e sujo. Era o ‘pogresso’” (GÊ, 2012, p.5-6)

Como ficar imune a lembranças, afetos e vivências? Como não perceber que a História Oficial cala e estrategicamente “esquece” o que não ratifica o discurso do progresso? Provavelmente instigado por tais questões, Luiz Gê imbuiu sua pesquisa documental de uma razão sensível (MAFFESOLI, 1998), construindo outra história da avenida, que transita entre fatos e memórias; realidade e ficção; futuro, presente e passado; vitoriosos e vencidos; progresso e tradição. E quais procedimentos articula o quadrinista nessa reescritura da história? Várias são as experimentações: rompimento de uma linearidade cronológica, justapondo momentos diacrônicos; uso de alegorias e elementos fantásticos, surgindo como instigantes metáforas ao longo da narrativa; inserção de personagens marginalizados pelo discurso oficial; resgate do imaginário nostálgico do próprio autor; manipulação da linguagem dos quadrinhos, como o uso das cores; desfecho do enredo apresentado como possibilidade, deixando a história em aberto. Para maior compreensão do processo, convém esmiuçar cada um desses itens.

ROMPIMENTO DA LINEARIDADE CRONOLÓGICA

O livro de Luiz Gê inicia-se com uma interessante “epígrafe em quadrinhos” de apenas duas páginas. Tendo como palco o túnel que liga a Paulista à avenida Dr. Arnaldo, um dos grafites que adornam as suas paredes ganha vida e quase é atropelado pelo frenético trânsito ao tentar cruzar a via. Ele sai enfurecido atrás dos automóveis e, na mudança para o quadro seguinte, a avenida subitamente se esvazia. De dentro do túnel de concreto, eis que surge um misterioso, solitário e anacrônico bonde puxado a cavalo. Ao virar da página, o cenário muda e o bonde transita na arborizada Paulista das primeiras décadas do século XX, abrindo assim Luiz Gê sua narrativa.

Tal epígrafe é uma clara alusão ao livro como uma espécie de túnel ou viagem no tempo, com o intuito não de resgatar um imutável e eterno passado histórico, que delimita e dicotomiza passado e presente, mas sim ressignificar o presente ao olhar para o passado e, ao mesmo tempo, repensar o passado com os olhos do presente, em um claro processo relacional e não causal. Nada mais perspicaz para fazer pulsar essa dialética que justapor momentos diacrônicos e romper a linearidade cronológica da narrativa, superpondo elementos contemporâneos, como o túnel, o asfalto, os automóveis e os grafites, ao

tradicional bonde puxado a cavalo, assim como promover a volta ao passado em quase um século em um simples virar de página, simbolizando que o percurso iniciado na Avenida Paulista do presente conduziria o leitor aos primórdios de sua criação.

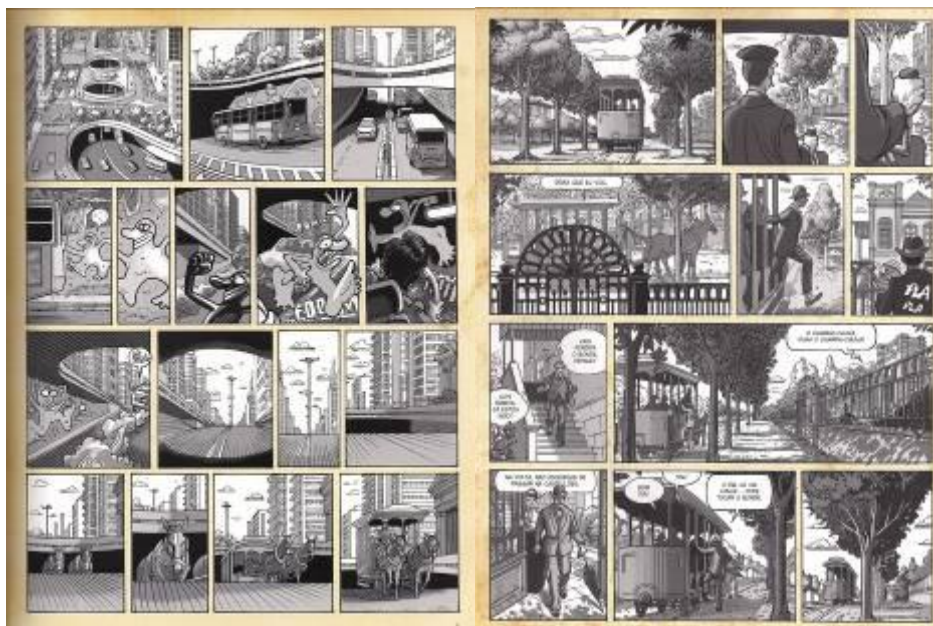


Figura 1 – Epígrafe em quadrinhos do livro Avenida Paulista.

Fonte: GÊ, Luiz. *Avenida Paulista*. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2012.

Ao longo da narrativa, essas dialéticas se repetem: nas páginas iniciais, um tropeiro, atravessando o ainda Alto do Caaguaçu – espigão no qual foi construída a avenida –, se depara com uma cariátide¹ encravada nas pedras do rochedo, como um prenúncio do futuro e das transformações advindas com a construção da Paulista. Em outro momento, quando a verticalização já havia dominado a paisagem da avenida, resquícios dos antigos casarões demolidos pairam no ar sobre estacionamentos ou surgem das fachadas envidraçadas dos arranha-céus, como fantasmagorias que colocam em xeque o discurso do progresso. Ainda ao final do livro, em um possível futuro apontado pelo autor para a avenida, às mais avançadas tecnologias, meios e edificações se mescla a antiga e pitoresca paisagem rochosa do Alto do Caaguaçu, simbolizando que o desenvolvimento pode ser alcançado de uma

¹ Cariátide é um elemento arquitetônico característico da Grécia Antiga, que consiste em uma coluna esculpida sob a forma de estátua feminina.

forma mais humana e menos devastadora, preservando uma essência que não se dobre aos desmandos do capital.



Figura 2 – Luiz Gê quebra a sequencialidade cronológica da narrativa.

Fonte: GÊ, Luiz. *Avenida Paulista*. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2012.

Essa postura do autor, que nega o Historicismo, sua sequencialidade e a ideia de uma história engessada e universal, foi conceituada por Walter Benjamin (1992) como “Materialismo Histórico”, cujo principal intuito é compreender a história como “o objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, antes formando um tempo pleno de <<agora>>” (BENJAMIN, 1992, p.166). Benjamin (1992, p.167 e 169) aponta como revolucionária essa “consciência de fazer explodir a continuidade da história” e brada que quem “deixa de engrenar a sequência dos acontecimentos como as contas de um rosário [...] funda assim um conceito do presente como <<agora>> no qual penetraram estilhaços messiânicos”.

Portanto, ao colocar distintos momentos da história da avenida em relação dialética, tais diálogos e superposições realizados pelo autor conferem novos sentidos e laços entre a Paulista de ontem e a de hoje, ressignificando o olhar do leitor, pois

a imagem [dialética] possui uma amplitude cognitiva, histórica e de pensamento, sendo tratada como ‘espaço de imagens’, aberto, sobreposto, multidimensional, podendo ocorrer como um adensamento de tempo, como

uma colagem de impressões, em relação rememorativa e dialética a uma historicidade revisitada no ‘agora’. [...] Mas isto não se dá sob uma ordenação linear, orientada pelo mito do progresso, e sim por um aspecto *obscuro* entre o ‘ocorrido’ e ‘o agora’, como um salto de temporalidades distintas em que a imagem dialética é o ponto de encontro entre o anacronismo da imagem e a historicidade de que emerge (COSTA, 2009, p.88).

USO DE ALEGORIAS E ELEMENTOS FANTÁSTICOS

No dicionário Houaiss da língua portuguesa (INSTITUTO ANTONIO HOUAISS, 2009), a palavra fábula aparece como “narração de aventuras e fatos (imaginários ou não); fato inventado; invencionice”, derivando do latim *fabula* (“conversa, boatos, narração alegórica, relato”); enquanto fabular é apontado como “dar (a um evento) um caráter de fábula; fantasiar; inventar”, derivando do latim *fabulare* (“falar; entreter-se conversando; conversar”). Destaca-se, aqui, a ideia de narração alegórica. O mesmo Houaiss define a alegoria como “modo de expressão ou interpretação que consiste em representar pensamentos, ideias, qualidades sob forma figurada”. Já Maffesoli (1998, p.148) apresenta o entendimento alegórico como “uma maneira de dizer que não enclausura aquilo que entende descrever”, ou seja, que impulsiona “o elã livre do pensamento especulativo”. No presente caso, é justamente esse “q” de invenção, de ficção; de dizer algo, mas de outra forma; de rompimento com um discurso óbvio, direto, fechado, descritivo; e de especulação que o nome fábula traz e que interessa destacar em *Avenida Paulista*.

Como já citado, a linha condutora da narrativa de Luiz Gê é a histórica factual da avenida, amplamente pesquisada pelo autor. Inclusive, em vários momentos do livro somam-se aos quadrinhos trechos de textos corridos, com um viés quase jornalístico, que aprofundam com mais informações e dados o contexto ou a situação que está sendo abordada naquele instante da leitura. Mas o autor não se limita a uma narração descritiva e povoa seu enredo de alegorias e elementos fantásticos, conferindo uma maior dramaticidade, aventura, ludismo ou mesmo outros sentidos, que impulsionam as qualidades da narrativa, potencializam o processo cognitivo e estimulam o imaginário do leitor.

Como exemplo, pode-se citar a famosa cariátide, que aparece mais de uma vez ao longo da história em contextos inusitados e torna-se um importante elemento de ligação entre os diversos momentos da avenida. Logo no início da narrativa, quando avistada pelo tropeiro como um corpo estranho em pleno Alto do Caaguaçu, a estátua é uma metáfora que prenuncia o futuro e as transformações que o espigão sofrerá, assumindo um viés quase messiânico. Em posteriores aparições, já quando a Paulista é assolada pela verticalização e domínio do automóvel, a estátua feminina surge justamente com um sentido inverso, como uma persistente fantasmagoria que traz o passado para o presente, representando a essência da avenida, seus antigos casarões, parques e calçadas arborizadas, confrontando progresso e tradição.

Além do grafite da epígrafe, que ganha vida e salta da parede do túnel, a criação do MASP (Museu de Arte Moderna de São Paulo) também é apresentada por meio de elementos fantásticos animados. Personagens das telas de Portinari, Di Cavalcanti e Van Gogh, que compõem o acervo permanente do museu, se inserem na multidão de pedestres da avenida e balbuciam repetidamente o nome de Assis Chateaubriand, o famoso e polêmico empresário do ramo das comunicações responsável pela criação do museu. Também o próprio processo de verticalização e emergência dos arranha-céus na Paulista, que promoveram, muitas vezes literalmente da noite para o dia, a derrubada dos bucólicos casarões, assim como o domínio do automóvel e do capital, são apresentados de forma alegórica por Luiz Gê, como gigantes pisoteando as mansões; cataclismas que fazem brotar repentinamente da terra imensas torres verticais; prédios gigantescos adentrando a avenida; e cenários industriais dominando sua paisagem.

Tais exemplos evidenciam que, ao contar de outra forma, ficcionalizar, fabular sobre, a narrativa de Luiz Gê ganha em sensorialidade, dramaticidade, ludismo, viés crítico e potencializa sobremaneira a experiência cognitiva do leitor. As alegorias e elementos fantásticos que povoam sua forma de narrar, não apenas fazem pulsar qualidades, sensações, experiências, sentimentos, vivências, memórias - que poderiam não ser despertados por uma mera narração descritiva dos fatos -, mas também deixam em aberto sentidos e significados, como uma espécie de provocação, a serem preenchidos com liberdade pelo imaginário do leitor.



Figura 3 – O uso de alegorias potencializa a experiência cognitiva do leitor.

Fonte: GÊ, Luiz. *Avenida Paulista*. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2012.

RESGATE DE SOCIALIDADES PRETERIDAS PELA HISTÓRIA OFICIAL

É fato que o Historicismo constrói uma história dos vencedores: “[...] nos perguntamos com quem é que o investigador historicista entre em intropatia. A resposta é inelutável: com o vencedor. Ora todo aquele que domina é sempre herdeiro de todos os vencedores” (BENJAMIN, 1992, p.161). E nessa História Oficial que glorifica as vitórias e ratifica o discurso do poder, uma grande maioria é calada e esquecida, tornando-se invisível em documentos factuais, livros e na historiografia em geral.

A HQ de Luiz Gê, contudo, resgata essas socialidades outras que não costumam entrar em cena. Além de apresentar os assíduos personagens da história da Paulista, tais como barões do café, empresários, engenheiros e políticos, porém desvelando seus interesses e papéis e não de uma forma mítica - o que já subverte -, o quadrinista também resgatou da invisibilidade figuras que compõem o cotidiano mais corriqueiro da avenida:

pedintes, moradores de rua, vendedores ambulantes, entregadores de panfletos, engraxates, funcionários, que, apesar de fazerem o dia-a-dia da avenida e serem seu espírito vivo, costumam sempre estar à margem da História. Ao resgatá-los, o autor coloca em xeque uma visão da Paulista apenas como via de ligação ou centro financeiro que abriga grandes corporações. Há distintas formas de vida, coletividade, desigualdade, conflito e diversos usos em suas calçadas e edificações, e se o hábito e a rotina nos cegam para esse entorno, a narrativa de Luiz Gê intenta nos fazer enxergá-los.

Ao trazer à tona o que é culturalmente silenciado, ocultado, esquecido pelas estruturas midiáticas e de poder, o autor confere não somente uma abordagem “materialista histórica” (BENJAMIN, 1992) à sua narrativa, desconstruindo uma história dos vencedores, como já abordado anteriormente, mas também “arqueológica”, remetendo ao conceito de Arqueologia, conforme trabalhado por Agamben (2009):

nós chamamos [...] <<arqueologia>> a esta prática, que em toda investigação histórica, trata não com a origem, mas com a emergência do fenômeno e deve, por isso, enfrentar novamente as fontes e a tradição. Não pode confrontar a tradição sem desconstruir os paradigmas, as técnicas e as práticas que regulam as formas de transmissão, condicionam o acesso às fontes e determina, em última instância, o próprio estatuto do sujeito cognoscitivo (AGAMBEN, 2009, p.121, tradução nossa)².

Jogando entre o geral e o particular, entre o objeto e o sujeito, entre uma diacronia e sincronia, entre o que fala e o que é calado, entre o visível e o invisível, o olhar daquele que se propõe arqueólogo faz emergir novos sentidos para a compreensão de um objeto e dá volume ao que foi historiograficamente achatado, desconstruindo assim visões assertivas, totalizantes e generalistas. É, portanto, também resgatando essas outras socialidades e seus conflitos que Luiz Gê reescreve a história da Paulista.

² Podemos llamar [...] <<arqueologia>> a aquella práctica que, em toda indagación histórica, trata no com el origen sino com la emergencia del fenómeno y debe, por eso, enfrentarse de nuevo com las fuentes y com la tradición. No puede medirse com la tradición sin deconstruir los paradigmas, las técnicas y las prácticas a través de las cuales regula las formas de la transmisión, condiciona el acceso a las fuentes y determina, em último análisis, el estatuto mismo del sujeto cognoscente (AGAMBEN, 2009, p.121).



Figura 4 – Luiz Gê resgata outras socialidades que costumam estar à margem da História.

Fonte: GÊ, Luiz. *Avenida Paulista*. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2012.

EXPLORAÇÃO DA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

Lucrécia Ferrara (2008), em seu texto “Comunicação e Semiótica: das mediações aos meios”, faz uma distinção entre meios técnicos e meios comunicativos. Para a autora, os meios enquanto puramente técnicos, são apropriados como meros veículos transmissores, promovendo um processo comunicativo unidirecional e linear, entendendo o receptor como um sujeito passivo. “Desse modo e sintetizado, comunicação é transporte de informação, mediação é passividade receptiva e o meio é veículo técnico comandado, sem exceção, pelas diversas mídias” (FERRARA, 2008, p.85). Assim, o autor que não se vale das potencialidades do meio e que não experimenta em cima de suas brechas acaba apenas por informar ou descrever, despertando a mínima experiência cognitiva em seu leitor e, conseqüentemente, não fomentando uma circularidade comunicativa. O meio é, sobretudo, suporte, e o conhecimento não se expande.

Já o meio trabalhado sob um viés comunicativo, para Ferrara, ultrapassa a perspectiva do “o que comunicar” descritivo, investindo também no “como comunicar” e, com isso, enfronha-se na linguagem e experimenta em cima de seus elementos, proporcionando interações com o seu receptor “que se fazem dinâmicas, circulares,

comunicativas e solidárias na produção de outras matrizes culturais” (FERRARA, 2008, p.87). A experiência cognitiva é potencializada, o receptor ganha um papel ativo e o conhecimento se expande.

Em *Avenida Paulista*, Luiz Gê investiu em movimentar a linguagem dos quadrinhos para potencializar sua narrativa. O autor explorou ângulos e pontos de vista – como *closes* em detalhes e expressões, vistas aéreas, rés-do-chão, movimentando cinematograficamente a trama; trabalhou distintos tamanhos e relações entre os requadros, inclusive rompendo o limite da página; mesclou aos painéis e desenhos áreas de texto corrido, quebrando a leitura em sequência dos quadrinhos e confrontando esses textos “jornalísticos” com a fabulação do desenho; e, sobretudo, manipulou o uso da cor. O modo como Luiz Gê trabalha as nuances cromáticas do desenho assume um forte peso narrativo e marca pontos de inflexão ao longo do enredo.

A epígrafe que narra uma viagem no tempo aos primórdios da Paulista, por exemplo, é representada toda em preto e branco, o que reforça essa volta ao passado, a ideia de *flashback*. E se as primeiras páginas assumem também um viés monocromático, investindo em tons de azuis, marrons e esverdeados, evidenciando uma Paulista prestes a aflorar, a medida que a história vai se desenrolando, os desenhos vão ganhando em policromia.

Outro trecho interessante na forma como o quadrinista manipula o uso da cor retrata o confronto de um personagem com as transformações sofridas pela avenida. Ele se sente meio anacrônico diante de uma Paulista que cresce, se moderniza e recebe equipamentos do porte do Conjunto Nacional, e nas duas páginas que retratam os novos usos e paisagem advindos com empreendimentos desse porte, Luiz Gê elabora os desenhos em tons de cinza e marca/destaca com coloridas formas poligonais – vermelho, amarelo, verde, azul, magenta - os elementos que surpreendem e chamam a atenção do personagem, tais como motos, automóveis, buzinas, escadas rolantes, lojas e a própria elite frequentadora, fazendo pulsar as mudanças.

As possibilidades de futuro previstas pelo autor para a avenida também são tratadas com distintas escolhas cromáticas. A Paulista que sucumbe ao capital e interesses dos grandes grupos financeiros assume tons mais frios - cinzas, violetas e azulados -, enquanto a avenida que busca se reinventar e trilhar um caminho que prima por novas alternativas e

mais qualidade, recebe tons pastéis e reconfortantes, tais como amarelos, rosas e azuis, como se um clarão de luz banhasse a avenida.

Tais exemplos, portanto, evidenciam como os próprios elementos da linguagem dos quadrinhos assumem um importante papel narrativo na trama, qualificando o enredo e instigando o leitor a estabelecer relações e atentar para o modo como o quadrinista experimenta em cima da linguagem.

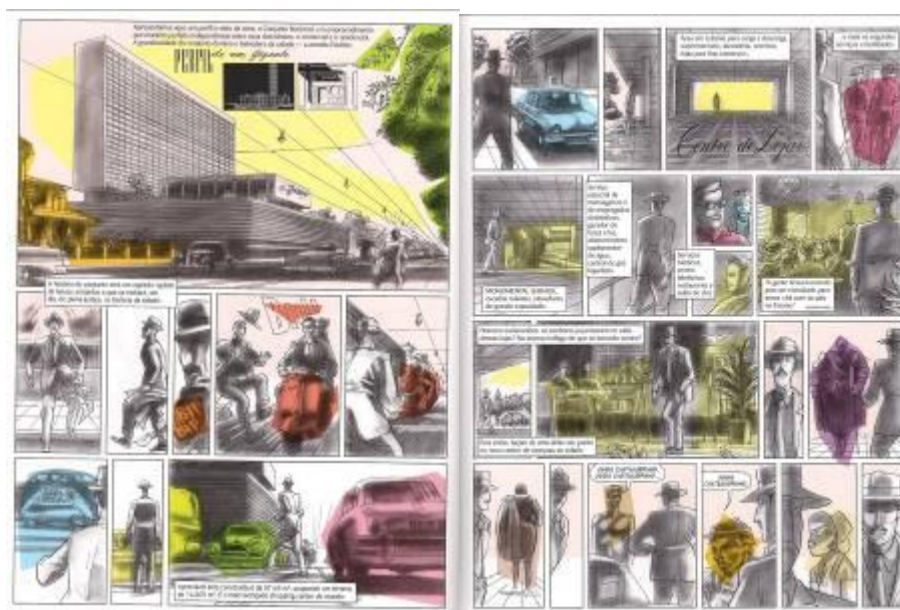


Figura 05 – A manipulação da cor é um recurso gráfico explorado pelo quadrinista.

Fonte: GÊ, Luiz. *Avenida Paulista*. São Paulo: Quadrinhos na Cia., 2012.

O DESFECHO DA TRAMA COMO POSSIBILIDADE

“O futuro é deles ou nosso?” (GÊ, 2012, p.66). Essa indagação feita por um dos personagens de *Avenida Paulista* na parte final do livro reflete como o autor conduz o desfecho de sua narrativa: como possibilidade, pois a publicação não se encerra no presente, mas aponta outro futuro possível. Em confronto com um caminho que ratifica os atos das estruturas do poder e do capital, subjugando a avenida à especulação imobiliária e aos interesses financeiros dos que dominam, o autor aponta outra vertente, que indaga, questiona, ousa e sugere uma reinvenção da avenida. Ao invés de um corredor de ligação cercado de arranha-céus por todos os lados, a Paulista ganha ares de um grande parque, com

uma arquitetura mais ousada e imaginativa, aliando usos distintos, utilizando a tecnologia a seu favor e resgatando uma essência para o coletivo, que o espigão nunca deveria ter perdido. É um futuro como potência, criativo e corajoso que Luiz Gê sugere para a avenida, instigando, dessa forma, o leitor a também propor o seu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo <<tal como ele foi efetivamente>>. [...] O historicista compõe a imagem <<eterna>> do passado, o teórico do materialismo histórico faz desse passado uma experiência única no seu gênero [...] [e] repousa num princípio construtivo” (BENJAMIN, 1992, p.160 e 168). Ao final dessa breve análise da HQ *Avenida Paulista*, percebe-se que o autor, diante do convite para contar a história da avenida em quadrinhos, assumiu uma postura historiográfica materialista, não ficando preso a uma mera descrição factual e cronológica dos eventos históricos. Sem deixar de lado uma ampla e profunda pesquisa documental, que inclusive assume o papel de fio condutor da narrativa, Luiz Gê ousou fabular sobre tais fatos e construir outra história da Paulista - a sua história -, agregando memórias, imaginários, vivências e o próprio momento presente.

Em sua montagem, Gê superpôs eventos e elementos diacrônicos, criou figuras alegóricas e fantásticas, resgatou socialidades da invisibilidade, explorou os elementos da linguagem dos quadrinhos e deixou a obra em aberto, apontando o futuro como pura possibilidade. Assim, o papel e a importância do quadrinista assumem um decisivo peso nessa criação, pois trata-se de um claro trabalho autoral, repleto das intencionalidades e olhar do artista, que intenta também tirar o leitor de uma postura passiva, ao se confrontar com uma leitura que estimula seu imaginário e o processo cognitivo.

Em seu livro, Luiz Gê não busca representar em quadrinhos a História Oficial da Paulista, reproduzindo um discurso totalizante, assertivo, que não deixa brechas para questionamentos e sentidos em aberto. Ao contrário, o autor investe em uma perspectiva dialética e fabulosa buscando, justamente, provocar, instigar e despertar o pensamento crítico no leitor, para que ele e seu imaginário ressignifiquem a própria história da Paulista.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Signatura rerum**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Tradução: Maria Luz Moite, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.

COSTA, Luciano Bernardino da. **Imagem dialética / imagem crítica**: um percurso de Walter Benjamin à George Didi-Huberman. In: Anais do V Encontro de História da Arte – IFCH/UNICAMP. São Paulo: IFCH/UNICAMP, 2009.

FERRARA, Lucrécia. **Comunicação e Semiótica**: das mediações aos meios. In: Revista Significação, n.29, outono-inverno. São Paulo: Annablume Editora, 2008.

GÊ, Luiz. **Avenida Paulista**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2012.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. **Houaiss eletrônico**. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.